

ANÁLISE

Xadreck Horácio Fernando, mestrando em Comércio Internacional
fernando.xadreck@gmail.com

Sobre a nossa

Há duas semanas tentei elucidar que a sociedade moçambicana deixou-se levar pela crença anódia de que a globalização veio proporcionar-nos uma grande vantagem de forma automática, até certo ponto, e que algum mal influenciava na postura da juventude no seu contexto nacional, e esta comportando-se vagamente. Neste artigo venho dar um enfoque no como a mesma imposição de ideologias exógenas tem vindo a eivar a base da nossa estrutura geral: a educação.

Como todo o mundo, Moçambique também está numa fase humana em que bastante se fala da elevada educação e civilização, como os grandes marcos que caracterizam a sua actualidade. Por ano fala-se de números aliciantes de crianças que se ingressam ao ensino; e agora pode-se falar de muitas crianças que transitam de classes, do que o próprio número daquelas que entram na escola; fala-se de fundos drenados ao Ministério de Educação e Cultura, assim como a construção e melhoria de outras infra-estruturas educacionais. Tudo bem. Mas será que isso se interpreta em educabilidade humana?

A questão colocada no parágrafo anterior quer simplesmente dizer: de que modo e até que ponto estamos a trabalhar a mentalidade do cidadão moçambicano a fim de realmente produzir, sem necessitar duma outra alavanca externa, para o desenvolvimento sustentável do seu país?

Nós, pressionados pelas metas estabelecidas pelos nossos amigos, não somos capazes de adoptar um modelo de educação adequado ao nosso contexto nacional. Aliás, não porque não sejamos capazes de termos uma doutrina saudável e realística a nós mesmos, mas estamos levados pela cinética das metas estabelecidas por aqueles que achamos de salvadores da nossa realidade (Comunidade doadora, já disse no artigo anterior que nunca assumiria que fossem Parceiros de Cooperação porque mesmo em linguagem deles, ainda continuam Donor Community).

Cada dia que passa costumamos cingidamente concluir que, caso a nossa educação continue com o défice actual, dificilmente poderemos desenvolver e sairmos da pobreza absoluta. De que um dia poderemos atingir o nível da África do Sul – para não falar da Singapura – estou tão incrédulo. Tudo isto porque quanto mais o tempo passa estamos a formar um cidadão sem capacidade e cultura de desenvolvimento, isto é, não trabalhamos a mentalidade do nosso cidadão. A seguir vou dar indicadores que talvez pareçam absurdos, mas que, no meu humilde entender, constituem indicadores de mentalidade trabalhada e espírito culto.

• Quanto mais aumenta o número da PRM e Polícias de Trânsito na rua, mais se agudiza a desordem na mesma. O comportamento do nosso cidadão revela uma tamanha falta de noção de valor de vida humana e cultura de ordem. Quanta frieza do nosso peão nas ruas! Assim, são normas que sempre vão se estabelecendo e, para além de que são incoerentes na segurança rodoviária, nunca chegam a funcionar. Um pequeno passeio agora pelas nossas cidades sempre nos leva a imaginar que poderemos chegar à casa graças a Deus, porque de metro em metro vemos litros de sangue, vidros quebrados de viaturas que se chocaram, um poste de electricidade bem deitado por um camião, etc. Isto piora num momento em que forçamos todos os automobilistas a porem coletes brilhantes (porquê, não sei). E é possível que em 2010 lancemos uma campanha de montagem de cemáforos nas cabeças de motoristas, mas isso nunca vai funcionar também. A questão é mentalidade e cultura.

• Quem pode contestar que no nosso país (parece que) cada um pode fazer e desfazer? Quanto a isto, cada um pode conceber a dimensão daquilo que sabe onde se faz e se desfaz. A indisciplina está demais; a imoralidade, declarada e acentuada. Quanto atentado ao pudor! Quem pode se intrometer no prazer de pessoas que fazem relações sexuais

Os planos do Ministério de Educação e Cultura são elaborados por cima do joelho. De ano após ano introduz-se mudanças cuja aplicabilidade ninguém já viu. Onde parou o Ensino bilingue, a título de exemplo, ninguém sabe

em pleno dia nas nossas praias! Quem pode se meter na vida de indivíduos casados e responsáveis que logo às sete da manhã estão a abanar viaturas – de prazeres sexuais - de vidros fumados diante da avenida da Marginal (ademais, quem já começou a questionar o elevado número de viaturas de vidros fumados, e que abundam nas nossas praias?)! Mas não porque ninguém saiba que isto sucede, e nem porque esses que o fazem não saibam que é um cúmulo de imoralidade. São civis, militares, senhoras e senhores Directores das empresas, pais e mães, etc, e tão pouco indivíduos sem responsabilidade e perfil. Se falamos de viaturas luxuosas que abanam na avenida da Marginal, trata-se de indivíduos de vida estabilizada e que gozam de um estatuto digno. A questão é mentalidade e cultura.

• Quanto tempo leva para se degradar uma infra-estrutura recém-construída ou reabilitada? A título de exemplo, quem nos pode desmentir que a Praça dos Combatentes no Maputo (perdoem-me aqueles que não conhecem Maputo), depois de se reabilitar, já esteve degradada antes da sua inauguração? A questão é mentalidade e cultura.

• Quantos indivíduos já brincaram com os fundos públicos nos seus devidos postos onde foram confiados?

Podem parecer absurdo mencionar estes e outros exemplos como grandes contribuintes da nossa marcha lenta rumo ao desenvolvimento. A questão que se coloca é: onde se encontra a educação face a todos estes males? Para concluir que a nossa educação já foi deliberadamente desvalorizada, basta ver que nenhum filho de cidadão comum terá a sorte de frequentar na mesma escola com um filho de gente da alta classe, para não falarmos da possibilidade de estrangeiros frequentarem nas nossas escolas, como o que sucede noutros países.

Nós já fomos enganados olhando no progresso científico e no avanço tecnológico, para passarmos a atribuir a estes factores a qualidade de educação. Mas, na verdade, o valor do próprio Homem está a se degradar cada vez mais.

Os planos do Ministério de Educação e Cultura são elaborados por cima do joelho. De ano após ano introduz-se mudanças cuja aplicabilidade ninguém já viu. Onde parou o Ensino bilingue, a título de exemplo, ninguém sabe.

Como a nossa educação revela pouca preocupação pela construção do Homem, e que o nosso objectivo é meramente económico, a relação entre o professor e a instituição de ensino é como entre um comprador e um mercado. O professor vai para escola para ter apenas o seu ordenado, e tenta de todas as maneiras manter o seu vencimento inversamente proporcional ao que o faz para com o seu aluno. A carreira de docência converteu-se num simples "party time". A corrupção já se instalou na escola, do docente ao aluno e vice-versa.

E o pai, que papel desempenha na educação do seu filho? Em suma, o pai entrega o seu filho ao destino alheio que o mundo dita; já é difícil ter um poder de pôr em funcionamento e prática as suas doutrinas e os seus direitos. De modo geral, conforme havia dito no artigo "A ocupação", o pai não tem tempo para incidir algo de paternidade ao seu filho.

Mas, dizer que o pai moderno despiu a sua responsabilidade sobre o seu filho, pode ser uma mera mentira: dá-lhe muito dinheiro, matricula-o em colégios recomendados, dando-o todas as regalias de forma a despistar o filho da exigência normal do amor paterno. Nesta solaparia, o pai não é capaz de transmitir a verdadeira educação e experiência, que só se torna possível com um curto tempo ao lado do filho; prioridade é buscar mais dinheiro para casa, pois essa brincadeira de conversar com filhos só nos rouba muito tempo.

O erro do pai moderno não é somente esse de amar o seu filho economicamente: deve conceder toda liberdade ao seu filho, como forma de lhe abrir o mundo a fim de que este desenvolva as suas potencialidades

Educação

e libertar-se do narcisismo primário, na qualidade de actor futuro. A intervenção dos pais na educação dos seus filhos, nesta nossa civilização, considera-se como intromissão. O pior é que actualmente "ninguém se mete na vida do outro". E isto de não se meter na vida do outro significa deixar as pessoas livres de fazerem o que lhes apeteça, mesmo que isto tenha graves repercussões na moral e no funcionamento normal da sociedade em geral.

Assim, uma criança civilizada, caracteriza-se pela liberdade de namorar, criar amizades inquestionáveis, liberdade de simular as suas emoções, frequentar em qualquer lugar de diversão ou num qualquer público, consumo de álcool ou drogas, envolvimento em negócios foscas, etc. Haverá motivo de muitos pais acharem algo surpreendente pelo facto de os seus filhos crescerem com um comportamento totalmente contrário do deles?

Uma outra política inválida é o propalado ensino gratuito. Quem disse que a burocracia em Moçambique já deixou de existir? Indirectamente os pais pagam para a educação dos seus filhos porque lhes é exigido um monte de documentos para a legalização da situação estudantil dos seus filhos, o que os pobres pais não são capazes de satisfazer. E, quanto ao material gratuito, este chega ao alcance dos alunos depois dum longo tempo, tal que os pais são obrigados a comprar livros para os seus filhos e, logo são vistos os livros do ensino primário sendo usados nos mercados informais para o embrulho de sal, açúcar e outros produtos avulsos. Ninguém questiona isso.

Qual é a relação entre o professor e o aluno? Como o aluno moderno vai à escola com o objectivo básico de melhorar a vida ou preparar-se para produzir mais economia – não para integralmente cultivar o lado humano – toma o professor de duas maneiras: a) como um simples comerciante que vai vender os seus conhecimentos e sabotar os dinheiros dos seus pais e b) como um simples livro ou prateleira donde vai retirar os conhecimentos que deseja ter.

Por sua vez, o professor despe o seu papel de segundo pai que transmite os valores humanos ao seu aluno; toma o aluno como um simples factor do seu lucro. E, porque ambos vivem juntos sem conviverem, o processo de transmissão e recepção do conhecimento é, considero eu, passivo e automático. Já neste ponto questiono a insistência dos pedagogos no uso do Processo de Ensino e Aprendizagem, pois a verdadeira essência do PEA não consiste apenas no simples facto de transmissão do conhecimento pré-estabelecido pela instituição, sem que haja a transmissão do valor humano bem como o calor e experiência de ambos.

Este problema torna-se cada vez mais grave porque, com o grande automatismo e anomia actuais, o aluno é instruído a partilhar a sua inteligência e capacidades humanas com o computador e outros meios de informação mais modernizados. O que os pais e outros educadores ensinam não é valioso como o que faz um instrumento construído pelo Homem. Disto, resultam vários problemas: a generalizada carência do humanismo, a perda do sabor de contacto entre os seres humanos, a miséria moral, da destreza e da razão.

Em segundo lugar, a instituição de educação mede a efectividade do saber nos moldes quantitativos e pela entrada de dinheiro. Nas escolas onde no fim de cada ano os alunos graduam em massa diz-se que se educa bem. E, se a escola cobrar muito dinheiro a cada aluno, for muito luxuosa, condições que obrigam o vendedor (escola) a satisfazer o seu cliente (aluno), pode-se atribuir o alto nível de educadora. Assim, paralelamente a divisão dos seres humanos em ricos e pobres, está a divisão em mais educados e mais ignorados, respectivamente.

E, para se perpetuar essa diferença, o homem tende a criar a escola mais dignificante e a mais ignóbil, dependendo da capacidade de cada vivente. Para se educar, é necessário que se pertença aos já educados porque a educação não é difícil, e sim dificultada. Os mesmos erros que

Na generalidade, a intelectualidade serve apenas ao saber dos que já são sábios. Posso estar totalmente errado, mas na actualidade os intelectuais encontram-se na maioria do seu tempo nos grandes hotéis e entesouram muito dinheiro do que um comerciante

a antiguidade cometeu ainda persistem neste milénio. O mesmo erro que os judeus cometeram ao considerar Jesus Cristo como um mero louco por ensinar boas coisas sem que tivesse ido numa universidade qualquer, ainda se comete; sem que alguém tenha passado pelos melhores colégios, pelas universidades de Harvard, Oxford, Cambridge, Coimbra, Gregoriana, e mais outras, mesmo que produza conhecimentos úteis para a humanidade, poderá se questionar o seu conhecimento.

A nossa pedagogia, descontextualizada da situação real do nosso país, não parece muito objectivada na construção humana e na busca da verdade justa do homem. No meu humilde entender, contribui bastante para o processo de desumanização. Ela está mais virada para a formação do vivente irreverente, um simples caminhante que não questiona o destino do seu mundo. Realça mais os aspectos "toda gente faz isto" e um "eu também vou", pois são lemas que caracterizam uma geração humana determinada por fórmulas económicas. Usa-se mais a inteligência das massas e não a própria razão, pois as multidões estão mais aptas a rejeitar a criatividade individual. É assim que a sociedade deixou de ser mãe acolhedora dos sentimentos e interesses individuais.

Qual é o papel dos intelectuais nisto tudo? Eles estão divididos em quatro grupos: o primeiro grupo de intelectuais é daqueles cujo saber é acorrentado pelas forças que sustentam a sua sobrevivência; o segundo é de intelectuais que podem produzir um bom pensamento, mas não tem liberdade de análise; o terceiro pensa para produzir o seu pão; o último não é um intelectual, apenas é um simples pilar das ideologias obscuras de certa camada. Na generalidade, a intelectualidade serve apenas ao saber dos que já são sábios. Posso estar totalmente errado, mas na actualidade os intelectuais encontram-se na maioria do seu tempo nos grandes hotéis e entesouram muito dinheiro do que um comerciante. Aquele que não sabe nada, também nada se beneficia do saber dos outros.

Grominko, A. et al (1986:pp 63/64), diz: "a situação irónica de hoje consiste em que encontramos mais adeptos da concepção da 'tecnologia apropriada' no mundo ocidental e mais discussões nos corredores da ONU, do BIRD, etc., do que nos próprios países em desenvolvimento." O critério fundamental da "conformidade" entre a tecnologia e a necessidade dos países em desenvolvimento seria o material técnico "contribuir para o crescimento do potencial tecnológico e a capacidade destes países de solucionar os problemas económicos e políticos da superação do atraso", isto é, não é saber "que material", mas "para que fins sociais" ele é necessário. "Falando do critério mais geral da "tecnologia apropriada", os países em desenvolvimento precisam de equipamentos que possam contribuir para o lançamento das bases duma economia verdadeiramente independente susceptível de reprodução à base dos recursos nacionais (...), o emprego máximo e racional dos recursos naturais e humanos desses países e, a partir desta base, a melhoria radical das condições de vida das massas trabalhadoras."

Grominko recomenda ainda aos governos africanos, no domínio da instrução pública, o seguinte: "levar a bom termo a 'africanização' dos quadros e substituir os especialistas estrangeiros nos sectores-chave da economia nacional; preparar especialistas qualificados para as estruturas existentes e futuras da economia; (...); educar a população no espírito de patriotismo, fomentar a sua iniciativa social e formar um indivíduo de novo tipo."

E, para mostrar que o grande avanço tecnológico não pode modificar o mundo resolvendo os grandes problemas que a humanidade enfrenta, sem a intervenção da boa vontade humana e a boa intenção dos sistemas sócio-políticos dos países desenvolvidos, V. I. Lenine (pp. 317/318) havia dito: "... a cada passo encontramos tarefas que a humanidade poderia solucionar imediatamente. Impede-o, o capitalismo. Ele acumulou montes de riquezas e fez as pessoas escravos destas riquezas. Conseguiu resolver problemas complicadíssimos da tecnologia, mas impediu, ao mesmo tempo, a materialização do progresso técnico..." ■